

Entrevista com Ana Claudia Marques

Por Julio Talhari & Karina Fasson

Ana Claudia Marques é graduada em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa em 1992, com mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concluído em 1995, e doutorado na mesma área pelo Museu Nacional (2001). Desde 2003 é professora doutora no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e é titular da Comissão de Ensino para a graduação, nesse Departamento, para o curso de Ciências Sociais.

PRIMEIROS ESTUDOS: *A gente queria que você falasse um pouco da sua trajetória acadêmica. Onde e qual foi sua graduação?*

ANA CLAUDIA MARQUES: A minha graduação completa foi na Universidade Nova de Lisboa em Antropologia, chamado de Licenciatura em Antropologia. Em Portugal não tem curso de Ciências Sociais. Eu tive uma passagem pelo IFCS antes de ir para Portugal, no IFCS [o curso] era Ciências Sociais e ali foi suficiente para eu definir que Antropologia era minha área de interesse.

PRIMEIROS ESTUDOS: *E você passou quanto tempo lá no IFCS?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Eu devo ter ficado um ano ou um ano e meio. Já pensava em ir para Portugal e investi nessa mudança para lá.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Durante a graduação você fez iniciação científica? Como foi?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Se eu estivesse no IFCS eu iria em busca de fazer, mas em Portugal não tem essas coisas, um sistema de se produzir uma pesquisa própria ou ligada a algum professor durante o período de graduação. Eu acho que era uma especificidade dessa universidade, desse departamento. O que a gente precisava

fazer era uma monografia de fim de curso, que eu escolhi mais pela simpatia por um professor, sobre uma área que eu nunca voltei a trabalhar que era Etologia. E depois, ao fim da minha graduação, apareceu sim uma oportunidade de fazer uma espécie de estágio.

Na verdade, era o Programa Erasmus que estava começando a surgir na Comunidade Europeia. Ele surgiu já com uma proposta, uma proposta que era um horizonte, de que um aluno de graduação pudesse fazer seu curso em diversas universidades da Europa. Os cursos feitos em outras universidade eram aproveitados em todas aquelas que faziam parte do Programa. Mas eu já tinha acabado minha graduação e o Programa estava começando a ser implantado. E aí eu me candidatei e fui fazer um período na Universidade de Franche-Comté, na cidade de Besançon. O curso que era oferecido nessa universidade era de Antropologia do Espaço; era de uma professora de Antropologia do Espaço que se engajou nesse projeto, no Programa Erasmus. Como eu já tinha feito a graduação, ela permitiu que eu fizesse esse curso no nível DEA, o equivalente ao mestrado aqui. Então eu fiz um estágio de alguns meses lá, mas ainda assim não produzi uma pesquisa. O negócio é que a Antropologia do Espaço teve um interesse para mim porque no mestrado eu queria trabalhar com o Lampião. Essa coisa do nomadismo do Lampião era interessante para mim. Então eu achei que Antropologia do Espaço poderia me ajudar a pensar essa questão do deslocamento.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Esse interesse de ir para Portugal fazer graduação em Antropologia foi pela graduação em Antropologia especificamente?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Eu desconhecia completamente a graduação em Antropologia em Portugal. Tinha mais a ver com uma vontade pessoal de busca por um outro país, de conhecer também a vida universitária, a vida acadêmica em outro país. E minha família tem origem portuguesa e isso facilitou a escolha, por isso Portugal. Mas eu não tinha nenhuma ideia do que iria encontrar lá. Foi uma experiência bacana em muitos sentidos porque de fato é um modo, é um curso estruturado de maneira diferente, o tipo de exigência que se tem dos alunos é diferente também, as relações entre meus colegas e entre alunos e professores também [era e] é bastante diferente, bastante peculiar.

Foi um período em que a própria universidade, o próprio curso tinha bastante exigência. Para você ter boas notas, por exemplo, era preciso fazer um esforço considerável. Era uma situação engraçada porque as notas iam de zero a vinte. Zero não existia e vinte também não, era impossível. Tinha um professor que falava isso, de uma maneira um bocado ridícula, que era “dezenove para mim, vinte só para o Lévi-Strauss. Como tem que ter uma diferença entre alunos e professores, eu não dou mais do que dezessete”. Então, tinha essa coisa de um tipo de exigência, não é mais ou menos exigente, mas um tipo de exigência que eu tive que me acostumar, de como preparar, escrever um texto, de como fazer uma prova de uma maneira que desse o melhor resultado. Como em todos os lugares, tinha professores que traziam uma bibliografia e uma discussão superempolgantes e outros que não faziam isso, digamos assim. O fato é que esses empolgantes foram muito interessantes para mim.

Na verdade, foi um período em que eu estudei muito. Foi quando eu comecei a estudar na minha vida... foi nessa graduação, nessas condições de vida em Portugal. Eu estava morando longe da minha família, com o meu namorado, que fazia exatamente a mesma coisa que eu. O que a gente fazia era estudar que nem uns loucos, e assuntos dos mais diversos. Muitos deles eu abandonei para sempre e outros eu nunca abandonei. Foi uma coisa que é um componente sólido da minha formação. Coisas que eu nunca estudaria no Brasil provavelmente, estudei lá. Certamente, se eu estivesse no Brasil teria estudado muitas coisas que jamais estudei lá também.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Como o quê? O que você estudou lá e que aqui não tem muita opção?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Eu não lembro mais o nome da disciplina, mas teve uma que foi muito empolgante que trabalhava com Georges Dumézil. A gente viu bastantes textos dele, que focava o mundo indo-europeu, o mundo greco-romano, estabelecendo pontes entre as diferentes mitologias – porque a coisa da mitologia comparada é a ideia, o investimento de Georges Dumézil –, que era uma leitura superconsagrada num determinado momento, na França. Esse departamento tinha uma inclinação muito forte pela produção francesa. Essa foi uma coisa interessante.

Eu já tinha lido [Pierre] Clastres no IFCS; nunca voltei a lê-lo pela graduação, lia por minha conta, mas na graduação ele não passava, talvez fosse muito atual para aquele jeito, para aquele tom da graduação da universidade em que estudei em Portugal. No entanto, acho que foi muito interessante reler o Clastres à luz de uma série de questões que passavam a ser esse campo intelectual do qual ele também bebeu. A leitura do Dumézil aparecia no Clastres de novo. O Lévi-Strauss, que eu também estudei lá, também foi se esclarecendo para mim. Essas são contribuições interessantes que obtive lá, essas coisas é que foram marcando. Foi uma formação também com alguns elementos sobre parentesco, sobre algumas concepções de etnologia lá que era diferente daqui. Lá chamavam de “culturas não europeias”, mas hoje eles não se atrevem a ter disciplinas com esses nomes [risos]. As disciplinas eram *Etnologia Portuguesa e Culturas Não Europeias*.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Do seu ponto de vista, quais as vantagens e desvantagens de um curso de graduação focado na Antropologia, diferente do que aqui ocorre, que abarca as três áreas (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), onde somente numa pós-graduação é que o aluno vai se especializar?*

ANA CLAUDIA MARQUES: O que eu acho que é vantajoso, sempre considerando que a qualidade seja a mesma, é que você na graduação acaba tendo, evidentemente, um aprofundamento nas questões que são propriamente antropológicas. Aqui a gente faz depois, quando as disciplinas optativas começam a ser oferecidas, mas durante um bom tempo você tem que dividir os seus esforços, as suas atenções. Então, nessa experiência em Portugal, a gente estudava Antropologia Econômica, Antropologia Política, Antropologia do Parentesco, Antropologia da Religião, Antropologia Simbólica. Você acabava formando um campo da Antropologia talvez um pouco mais alargado, mais ampliado, ainda mais porque as disciplinas tinham essa característica de serem anuais e não semestrais, então em cada uma delas você fazia um bom investimento. Em Semiótica a gente teve um curso, em Linguística a gente também teve um curso, entende? Por exemplo, aqui não se dá Linguística, poderia incorporar um pouquinho dessa disciplina em nosso currículo, mas não com a densidade que a gente pôde ter lá. Isso, aliás, faz certamente parte da minha formação: tive um ano de Linguística e Semiótica. Essas coisas acho que

acabam sendo impossíveis de você oferecer ao mesmo tempo em que você está oferecendo uma formação nas outras áreas.

Tem lá compensações: Marx e Weber não eram decididamente parte da minha formação. Eu tinha tido um pouquinho no IFCS, mas, essa formação, de fato eu não tenho. Mesmo as teorias clássicas de Política, não tive cursos voltados para elas, nunca tive curso em que eu tivesse que ler Hobbes. Eles [autores da Ciência Política] apareciam na literatura, mas não eram questões trabalhadas propriamente, não eram discutidos longamente no curso. Essa é parte da perda.

Mas essa é uma questão para discussão. Eu acho que as duas coisas são possíveis e são válidas, e tendo a pensar que acaba sendo uma certa proposta acadêmico-política mesmo, optar por uma coisa ou por outra. De repente, num diálogo internacional pode valer mais a pena ter uma formação em Antropologia. De repente, para oferecer uma maior especificidade em Antropologia Brasileira pode ser que valha mais a pena ter uma formação em Ciências Sociais, porque oferece outros aportes. É até difícil de dizer, mas acho que é uma coisa que merece discussão mesmo.

Outra coisa que também aparecia lá – e que jamais iria acontecer aqui – é que a gente tinha certas pinceladas em outros campos da Antropologia. Aqui a gente tem uma Antropologia Social, muito mais Social do que Cultural. Eu já falei que fiz minha monografia de fim de curso numa área de Etologia, não uma Antropologia Física propriamente dita, eu não tive muito isso, mas alguma coisa que envolvesse o campo da Biologia eu tinha. Eu tinha disciplinas de Biologia e de Etologia, de Etologia Humana mas especificamente, mas não só de Etologia Humana. Era um momento também em que a Sociobiologia estava em ascensão, estava aparecendo *pra burro*, no campo da disciplina, muito mais do que hoje, então isso produzia uma certa ressonância também com essas disciplinas dessa formação.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Teve algum fato marcante na sua graduação que foi decisivo para você seguir a carreira acadêmica?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Eu acho que nunca pensei em outra alternativa. Na verdade, eu nunca pensei em ser outra coisa que não antropóloga, nunca imaginei como

podia ser isso. Como essa graduação teve a ver com um projeto pessoal que me levou a Portugal, ela se tornou algo de um enorme investimento, era aquilo que eu realmente me dedicava. Não era nas horas vagas não, eu me dedicava muito aos estudos. Então a vida acadêmica era algo meio óbvio. Não era uma coisa [minha formação] na qual eu pensasse sobre o que eu iria fazer com ela no futuro.

PRIMEIROS ESTUDOS: *De onde veio a motivação para fazer sua pesquisa de mestrado aqui no Brasil sobre o cangaço?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Eu quis voltar para o Brasil da mesma maneira que eu tinha decidido sair. Esses percursos não são muito óbvios, não; eles não são bem planejados, têm a ver com muitas afinidades, às vezes afinidades com pessoas, às vezes afinidades intelectuais também. Antes de sair do Brasil, eu comecei também a fazer um curso de Filosofia com um professor chamado Claudio Ulpiano. Foi por intermédio dele que eu conheci um pouco da obra do Deleuze e do Guattari, do Foucault e mais uma série de autores também, num momento em que eu estava iniciando a graduação. São momentos pessoais muito importantes, você está num certo momento de ingresso na vida adulta em que está fazendo uma série de opções na sua vida.

Esse encontro foi muito importante e dentro dessa literatura você tem toda uma questão com o pensamento nômade, com o nomadismo, que não é necessariamente traduzível numa etnografia sobre um povo nômade. É uma elaboração filosófica do nomadismo. O cangaço aparecia como uma forma de explorar isso etnograficamente, não só porque eles não habitavam em nenhum lugar especificamente, porque se constituiu num movimento de deslocamento territorial, de uma desterritorialização que se efetuava no plano territorial, mas também no plano simbólico. O tornar-se cangaceiro implicava você abandonar um modo de vida e adotar outro. Era isso que me empolgava, e era muito por essa outra empolgação, que tinha a ver com essa digressão pela Filosofia, e por uma Filosofia deleuziana e foucaultiana. De certa maneira, foi por uma certa inclinação intelectual que esse objeto apareceu como objeto interessante.

PRIMEIROS ESTUDOS: *E seu tema de doutorado?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Aí o movimento foi outro. O tema do doutorado tem tudo a ver com o tema do mestrado, mas ele não é uma mera continuação, ele não é uma continuidade. O ingresso do Lampião no cangaço teve a ver com uma briga de família dele. Lampião é tema, é assunto de uma literatura realmente vasta. Muita gente num determinado momento – e até hoje – escreveu sobre Lampião, sob diversos pontos de vista: sociológico, de resgate histórico, poético etc. Era muito comum, sobretudo numa literatura regionalista ou sociológica, se fixar nesse tema: Lampião entrou para o cangaço; ele era bandido ou era herói? Porque isso também marca uma boa parte da literatura.

Mas o fato é que ele tinha ingressado no cangaço por conta de uma briga de família com um vizinho. Brigas de família, se alegava nessa literatura, eram muito comuns, porque tinha a briga dos Pereiras e dos Carvalhos, e Lampião ingressou no cangaço por sua própria briga de família, mas se tornou quem ele se tornou quando ele substituiu o Sinhô Pereira, que chefiava um bando de cangaceiros, assim designados, que estava mobilizado em função também de uma outra briga de família, que era a briga dos Pereiras e dos Carvalhos. O Sinhô Pereira era uma liderança armada dessa briga, que promovia ataques aos seus inimigos e proteção aos seus parentes.

[Os cangaceiros] viviam como bandos armados, obviamente na ilegalidade, mas tinham seus modos de acolhida nas fazendas dos parentes, tinham certo controle sobre a política, que também estava em questão. Esse não era o único bando de cangaceiros, um cangaço que era na verdade bem diferente do cangaço que o Lampião depois protagonizou e na verdade inventou – uma modalidade de cangaço peculiar. Essa [primeira modalidade de cangaço] estava totalmente relacionada com a família. Mesmo que seus objetivos não fossem exclusivamente os de briga familiar, estava bastante circunscrita a uma orientação de parentesco. E com Lampião essa coisa toda se implode.

Então, esses tipos de relações, de brigas, é que me chamaram a atenção e me despertaram a curiosidade para investigar sobre elas. O que eram essas brigas de família afinal de contas? Só que eu não achava que, naquele momento em que eu fazia o doutorado, no final da década de 1990, encontraria essas brigas de família

acontecendo, o que me remeteria novamente para uma pesquisa cuja principal fonte seria um material histórico, que foi o caso da minha pesquisa sobre o Lampião [no mestrado]. Entrevistei poucas pessoas, eram principalmente documentos e livros já publicados que eu consultava. Mas eu queria fazer uma pesquisa no sentido clássico antropológico.

Não me contentava com a hipótese de investigar isso de novo com base nos registros dos livros. Eu já tinha visto várias coisas, mas que também não me deixavam muito satisfeita e nem eu sabia muito o que iria fazer, que avanços eu poderia fazer tendo como referência aquela literatura. Então, uma vez que essas brigas de família, segundo as descrições que eu tinha naquela época, acionavam, mobilizavam, não só parentes, mas uma série de pessoas com diferentes vínculos de lealdade, vínculos que poderiam ser e são muitas vezes traduzidos por uma relação de patronagem, de clientela, de patrão e empregado, eu desloquei um pouco o foco proposto, num primeiro momento, das brigas de família para esses tipos de relação.

A ideia um pouco vaga que eu tinha de pesquisar no doutorado – que me serviu na elaboração de um projeto – era essa: focar nessas relações de lealdade, quais eram os seus limites, para que que elas serviam, a que propósitos, em que elas eram funcionais etc. Mas, para minha surpresa, quando eu cheguei em campo vi que essas brigas existiam, e foi possível conversar com pessoas que já tinham participado ou que estavam participando, de alguma forma, dessas brigas atuais no sertão.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Em relação a sua trajetória acadêmica, quais foram a suas maiores dificuldades nesse seu percurso graduação-mestrado-doutorado? Você disse que não teve outra opção além de ser antropóloga. Nunca bateu uma crise?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Muitas, inúmeras! É uma coisa completamente ingrata, terrível. Eu acho que desde o primeiro ano da graduação eu já sabia que queria fazer um mestrado. Em algum momento eu decidi que esse mestrado deveria ser novamente no Brasil. Mas eu não queria voltar a morar no Rio de Janeiro, queria morar fora e acabei me interessando em fazer esse mestrado em Florianópolis. Fiz

a prova, entrei, beleza! Até aí não teve muitas crises, apenas crises de ser dura, essas coisas de estudante comum.

De fato, eu acho que as grandes crises vêm de um campo que é superconcorrido, que está muito sujeito às vicissitudes políticas nacionais. Então, ora você tem muitas possibilidades de conseguir bolsa para estudar onde você quer, ora você tem muitas possibilidades de conseguir emprego porque tem um monte de concursos e para os quais você pode se preparar, ora você não tem nada. Nessa hora que não tem nada, você fica muito mais suscetível a crises, porque a concorrência é terrível, tem pouco lugar para muita gente, se torna tudo muito difícil.

Tenho a impressão que as coisas tendem a ser mais frouxas hoje em dia, porque esse campo se dinamizou demais, está muito mais intenso, tem muito mais recursos, muito mais hoje do que há dez anos, do que há vinte anos. Cada oportunidade que se corre atrás, cada edital que se abre, cada oportunidade de participar de um congresso, de entrar numa pesquisa, mobiliza você. Tem que preparar alguma coisa para isso, elaborar um projeto, um artigo para publicar numa revista. Pode dar certo e pode não dar certo. E cada vez que não dá certo é uma crise, é uma crise que põe um monte de inseguranças suas em causa: por que não deu certo? Por que não está bom? O que está acontecendo aqui? Esses são os pontos mais dolorosos que você tem que percorrer necessariamente, porque não tem ninguém que teve todas as suas propostas aceitas – e premiadas. Para cada uma que você tem um resultado positivo, tem algumas com resultados negativos. E você tem que elaborar esses resultados negativos porque eles tem a ver com muitas coisas, inclusive com a qualidade do seu trabalho. Tudo isso leva você a perguntar o que é possível melhorar, o que está ruim, esse tipo de coisa. É duro!

PRIMEIROS ESTUDOS: *Como foi essa volta de Santa Catarina novamente para o Rio de Janeiro? Foi motivação pessoal ou acadêmica?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Foi acadêmica mesmo. Naquele momento eu acho que não tinha doutorado em Antropologia lá ou, se tinha, estava começando. Eu também considerei, naquele momento, que estava esgotado o que eu poderia fazer ali. O meu orientador em Santa Catarina foi muito bacana nesse negócio, porque ele

tinha passado pelo Museu [Nacional] – ele era carioca também, ficou muito pouco tempo no Programa de Pós em Antropologia Social na UFSC – e a gente estabeleceu uma relação muito bacana, muito positiva. E eu acho que ele também partilhava [do sentimento] de que aquilo que eu tinha que fazer na UFSC tinha se cumprido e começou a me estimular muito para eu ir [fazer meu doutorado no] Museu.

Eu não tinha a menor ideia do que eu iria encontrar no Museu, achava que não seria muito diferente das coisas que eu tinha encontrado antes, mas, de fato, foi. Foi realmente uma mudança extremamente importante. Foi o momento de uma intensificação enorme. Acho que me tornei efetivamente antropóloga no Museu Nacional, foi ali que eu acho que aprendi Antropologia de gente grande. De novo, houve uma intensidade de estudos absolutamente enorme, e ali não era mais uma intensidade que era estimulada por uma atitude mais diletante, não. Porque eu era muito [diletante] em Portugal, eu não estudava aquilo tudo porque eu tinha que fazer as provas, muito pelo contrário, estudava as coisas da prova e ia estudar outras coisas mais, muito diletantemente, muito informada pela minha digressão pela Filosofia, essa coisa toda.

No Museu não tinha esse negócio. Não que não pudesse estudar outra coisa, mas você não conseguia. Era um nível de exigência enorme, tinha que ler muito, se esperava, se solicitava, se suscitava resultados que implicavam muito investimento nosso, muita dedicação dos alunos que estavam a fim de levar aquilo adiante. Porque você pode ser um aluno regular e fazer o mínimo, em qualquer lugar você vai poder fazer isso, mas era claramente chutar uma oportunidade para o alto de maneira irresponsável e tola, porque aquilo que era solicitado aos alunos era muito interessante, a qualidade das leituras, a quantidade das leituras. Eu não queria responder àquilo no mínimo, queria responder tanto quanto eu fosse capaz de responder.

Foi um momento de muita intensidade de estudo, de muita intensidade de discussão, por causa dos cursos que eu fiz e, não menos importante, pelo fato ter ingressado logo que eu entrei no doutorado num PROEX, nesses núcleos de excelência que estavam se constituindo naquela época. Era um Núcleo de estudos em Antropologia da Política, o NuAP, que congregava alguns outros professores do próprio Museu Nacional. O Núcleo era coordenado pelo meu orientador, que

considerou que meu projeto, como eu tinha apresentado já na seleção... eu não tinha apresentado o projeto na seleção. Na verdade, a gente não entra, não entrava no doutorado no Museu, não entra até hoje, com um projeto completamente definido, não. Era muita mais uma intenção do que propriamente um projeto. Projeto definido e acabado a gente vai fazer na qualificação, é diferente daqui. Mas o Moacir percebeu sintonia entre aquelas minhas intenções de pesquisa e a proposta geral do Núcleo, então, imediatamente me acolheu, logo que eu cheguei, sem conhecer quase nada do meu trabalho – eu tinha oferecido a minha dissertação para ele. Mas ele é uma pessoa muito acolhedora, muito generosa mesmo.

E além dele, ali do Museu, participavam também do NuAP o Marcio Goldman, o Federico Neiburg, o José Sérgio Leite Lopes – acho que mais diretamente eles. Mas participavam também professores de outras universidades com quem a gente não tinha um convívio tão assíduo, mas não deixava de ter também uma certa troca, uma certa circulação de produção que acontecia, isso também foi superlegal. A Mariza Peirano e os alunos dela – ela participava também da coordenação desse projeto –, a Beatriz Heredia, que era do IFCS e que eu já conhecia – essa relação se intensificou, se mantém até hoje, se tornou de amizade e permanece também sendo [uma relação] intelectual –, o Luís Roberto Cardoso de Oliveira também estava ligado ao NuAP, e os seus orientandos [de todos esses professores], o que é também legal, muita gente fazendo pesquisa de mestrado e de doutorado ao mesmo tempo. E também o pessoal do Ceará, o Cesar Barreira e os orientandos, que eram os que mais trabalhavam com o tema da violência, que era uma vertente do meu trabalho que não era compartilhada pela generalidade do NuAP.

Esse campo se tornou muito fértil, não porque engajasse todo mundo numa pesquisa comum, cada um fazendo a sua parte, mas porque criou um campo de discussão, um campo no qual algumas temáticas sobressaíam e que de certa maneira foram incorporadas por uma geração de estudantes que vinham de quatro universidades diferentes. A troca se intensificou muito, foi muito enriquecedor também. Essa experiência do Museu não pode ser mencionada sem considerar essa formação que passou pelo NuAP, isso foi muito interessante. Essa possibilidade de se formar como aluno de pós-graduação e ao mesmo tempo como um participante

júnior, ainda que júnior, porque éramos claramente júnior, de um projeto é muito legal, é muito enriquecedor.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Falando um pouco agora sobre suas linhas de pesquisa. Em 2007, você estava pesquisando sobre o ensino de Antropologia – no nível da graduação – no Brasil. Como foi esse projeto?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Foi um projeto curto em que eu participei com a Carla Teixeira, de Brasília, e com a Renata Menezes, do Museu Nacional.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Quais foram os desdobramentos dessa pesquisa?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Olha, a pesquisa não teve muitos desdobramentos, não. Eu não estava há muito tempo na USP, e foi uma maneira de eu entender um pouco melhor a Antropologia que era produzida aqui. Por incrível que pareça, as escolas se diferenciam bastante pelas suas ênfases, pelos seus modos de fazer Antropologia. E quando esse projeto apareceu, eu achei que seria uma boa oportunidade de dar uma buscada nas disciplinas de graduação. Minhas colegas, na verdade, estavam mais interessadas na pós-graduação, no entanto eu me interessei mais pela graduação, em saber como era a formação aqui. Foi por conta disso que eu topei, e foi interessante.

Foi interessante também pelo fato de estar fazendo ao mesmo tempo que a Carla, lá em Brasília, e a Renata, no Museu – ainda que elas estivessem mais centradas na pós-graduação –, porque eu acho que algumas especificidades aqui da USP ficaram bastante evidenciadas. Essa ênfase no Lévi-Strauss é uma coisa muito forte na USP e que a singulariza em relação às outras graduações no Brasil. Ele é, de fato, um divisor de águas aqui. E essa pesquisa também tinha um interesse específico, era parte de um projeto maior, internacional, que tentava um pouco mapear essas antropologias consideradas periféricas. Ou seja, não europeias e não norte-americanas. E esse “não europeia” é não inglês, não francês, pois o resto era considerado como periférico também.

Uma questão importante também era verificar quem eram os nossos clássicos. Essa era a questão que nos guiava. Quem eram os nossos clássicos, e aí,

muito claramente, o Lévi-Strauss se saiu na ponta de lança. E essa pergunta – “quem são os nossos clássicos?” – tinha a ver com uma outra questão: “o que nós fazemos com a nossa própria produção?”, “qual é o lugar que a gente concede à nossa própria produção?” – esse “nossa”, estou falando da brasileira –, “na formação em Antropologia?”. De imediato, eu pensava logo em graduação. Engraçado, né? Talvez por causa dessa minha trajetória mesmo, de ter me formado em Antropologia na graduação. Então foi um pouco isso que eu fui fazer.

A pesquisa consistiu muito em olhar, programa a programa, e verificar quem eram os antropólogos mais citados e qual era a posição ocupada pelos brasileiros. E um ponto em comum que vimos é que os teóricos são estrangeiros – ingleses, norte-americanos, franceses. E uma coisa da USP muito interessante era a centralidade – não só na USP – das etnografias. Etnografia era o produto local que era enfatizado, mas nem sempre essa ênfase na produção etnográfica se traduzia na conversão desses textos em textos de formação na graduação. Eles aparecem numa posição mais ilustrativa do que propriamente de formação. Eu acho que isso tende a ser, cada vez mais, menos diretamente posto assim. Ainda que eu não ache que essa dicotomia tenha sido completamente desfeita, acho que ela continua quando a gente vê que em *Antropologia I, II, III e IV* o número de autores que são brasileiros, que não são intérpretes de outros autores estrangeiros, são poucos. Não são? São bem poucos. Mas, em compensação, nas optativas, eles começam a aparecer com bastante profusão. Em algumas mais do que outras, mas em algumas com bastante profusão.

Em certos campos intelectuais aqui no Brasil, se entende que a contribuição brasileira é fundamental, em certos campos de pesquisa mais especificamente. E isso também aparece na graduação porque a gente só tem uma literatura em português, o que certamente pode ajudar nisso – mas, enfim, nada que impeça a utilização das traduções. Acho que, de qualquer maneira, aparece na etnologia, nos diferentes campos da antropologia, uma contribuição brasileira importante nesses campos de pesquisa. Há um limite que a gente vê: os grandes sistemas teóricos a gente continua importando, eu diria. Vocês acham isso?

PRIMEIROS ESTUDOS (KARINA FASSON): *Eu acho que sim. Vejo pelo que você falou, sobre a nossa Antropologia, que é totalmente levi Straussiana.*

ANA CLAUDIA MARQUES: Tem contratendências também. Mas ele tem uma centralidade enorme aqui, se dá muita atenção ao Lévi-Strauss. Não é que não mereça, certamente merece, mas é uma coisa incomparável. Se a gente pensar na estrutura do curso, Lévi-Strauss tem um peso incomparavelmente maior em relação a qualquer outro autor de Antropologia: tem um semestre de Lévi-Strauss. Eu não tenho conhecimento de nenhum outro curso fora de São Paulo que opte por esse arranjo.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Falando em São Paulo, como foi esse processo de vir para cá? Foi contingência ou foi um interesse de vir lecionar na USP?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Foi o concurso [risos]. O concurso que abriu na USP, e um concurso na USP é uma coisa que é bastante atraente. É um momento de escassez de concursos, e um concurso numa instituição do peso como a USP é uma raridade absoluta.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Era uma coisa que você vislumbrava ainda quando estava na pós-graduação?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Não! Vir para USP... O que eu vislumbrava na pós-graduação era fazer um concurso para alguma instituição que fosse forte em pesquisa e em docência. Isso, francamente, eu mantinha. Eu não queria as faculdades particulares. É uma contingência da vida das pessoas, mas elas estão longe de coincidirem com seus objetivos. Na verdade, é um fantasma na vida de quase todo mundo que está se formando e ainda não tem uma posição, não assegurou ainda uma posição [acadêmica]. E a minha escolha de lugares onde eu poderia fazer concurso tinha a ver com essa combinação de lugares que tinham bons alunos – parece que estou puxando o saco, mas não é não [risos] –, lugares que produziam bons alunos, porque é em sala de aula que muitas coisas acontecem, a produção intelectual; e, ao mesmo tempo, que a pesquisa fosse uma coisa também viável.

Eu não queria ser só professora, queria ser antropóloga, o que inclui ser pesquisadora também. Isso acaba restringindo bastante o seu campo de possibilidades, porque onde quer que você tenha que dar aula que nem um louco, você está concretamente impossibilitado a se dedicar à pesquisa. Isso acaba dando as balizas da escolha de onde você vai. E aí, então, quando apareceu um concurso na USP, era obviamente muito atraente, e eu me atrevi a fazer. Foi assim que eu vim para cá.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Legal! E essa sua passagem por diversas instituições, começando por Portugal, o mestrado em Santa Catarina, na UFSC, o doutorado no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e depois a experiência aqui na USP. Dá para ter um panorama sobre o ensino de Antropologia no Brasil, contrastando com Portugal?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Essas minhas migrações me produzem uma impressão um pouco diferenciada. Eu não tenho tanto uma noção de totalidade do ensino de Antropologia no Brasil, porque eu acho que sim, tem elementos que certamente diferenciam de Portugal e de outros lugares. Esse pendor à etnografia no Brasil é bastante estimulado e é muito legal; essa Antropologia que é feita dentro das fronteiras nacionais, quase sempre. Não é obrigatoriamente, mas nós fazemos uma Antropologia de nós mesmos. Em larga medida, embora esse “nós” seja um bocado deslocado de nós propriamente. Então é muito voltada para isso, muito mais do que aquela Antropologia que eu conheci em Portugal que realmente ficava focada nos autores, na produção dos outros. Acho que hoje não é mais assim, mas era muito assim.

Agora, cada instituição tem as suas especificidades de uma maneira muito clara também, de forma que se torna um pouco complicado fazer uma totalização dessa produção antropológica, do ensino da Antropologia no Brasil. Existem muitas especificidades mesmo. A gente opta, certamente, por uma Antropologia Social e Cultural, mas primeiramente Social – a influência da Antropologia Social aqui é muito forte – mas, ao mesmo tempo, as ênfases são diferentes em cada instituição. Ênfases não só em autores, mas também em modos de fazer Antropologia. Como eu posso explicitar essa diferença? O tempo que eu passei no Museu Nacional foi super interessante, muito estimulante pela centralidade que era concedida à

etnografia, ao trabalho de campo. Sair para trabalho de campo e por meio dele fazer sua contribuição no plano intelectual, produzir uma etnografia. Ela tinha uma centralidade, de fato, nessa tarefa. Não só no sentido da formação dos alunos como da valorização dos produtos que resultam dessa disposição, dessa ação de fazer trabalho de campo, de produzir etnografia.

Quando eu vim para a USP.. De modo nenhum eu posso dizer que a etnografia está apagada [na USP], porque aqui também tem uma tradição de etnografia que vem já de bastante tempo, mas eu diria que os modelos teóricos aqui promovem uma atração especial [risos]. Não sei se essa é uma maneira justa de fazer a tradução dessa sensação que eu tenho de diferenciação. Mas acho que existe uma forte atração pelos modelos teóricos, pela discussão em torno dos modelos teóricos. Eu não estou dizendo com isso que simplesmente [seja algo do tipo]: “ah, aquele modelo teórico é muito interessante, deixa eu catar ele aqui”; mas [trata-se] da discussão deles, de colocá-los como objeto de reflexão. Isso eu acho que é uma coisa que aparece aqui de forma muito forte. Claro que isso pode resultar de um período que eu estive no Museu, com os professores que eu tive maior proximidade, porque fiz o curso com eles, porque partilharam do NuAP etc, e com esse momento específico que eu passei a viver na Universidade de São Paulo. Mas eu sinto essa diferença.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Está certo. E agora, falando um pouco mais especificamente da graduação aqui na USP. Que tipo de aluno você acha que a graduação em Ciências Sociais na USP, mais especificamente na Antropologia, quer formar?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Puxa, minha filha! Essa é uma pergunta que tem nos perturbando muito [risos]. Eu sou muito forasteira; esse projeto de longo prazo, eu não me sinto à vontade para falar dele, porque em larga medida, esse projeto – se é que isso pode ser traduzido como um projeto – já existia quando eu cheguei. Entrei no meio do caminho e vindo de fora, então é difícil de você ter uma perfeita compreensão dele. Vou falar da perspectiva que é a minha, que eu conheço. Eu considero que os alunos da graduação da USP são alunos que saem muito bem formados. Os alunos que saem da graduação e que a gente vê aparecerem de volta na pós-graduação, claro. Os outros, como eu vou saber [risos]? Eles dão o fora, vão

para o mundo, bem formados ou mal formados. Eu imagino que tenha gente muito mal formada a essa altura do campeonato. Porque, assim, numa sala de aula, eu vejo as pessoas que estão com os olhos grudados em você, fazendo um esforço considerável para entender aquilo que você está falando, e outras que estão ali porque precisam assinar aquela folha de presença, que não aparecem ali, enfim, que estão tocando o curso.

Você tem uma clara e acentuada heterogeneidade dos alunos. Acontece que esses que aparecem na pós-graduação são alunos muito bem formados. Isso eu acho que é muito claro. Então, nesse sentido, parece que o curso de Ciências Sociais como um todo, não só a Antropologia, está voltado para produzir alunos que tenham um conhecimento que é básico, mas muito consolidado, dos principais cânones das disciplinas. E essa formação, tenho a impressão, ainda é elaborada para que esses alunos tenham condição de continuar na vida acadêmica se assim desejarem. Eu acho que a gente continua formando cientistas sociais, antropólogos, de forma que se faculte a esses alunos um acesso à produção de pesquisas, que se desenvolveram e que continuam a se desenvolver. Então eu acho que tem uma forte relação com o fato de nós nos querermos como pesquisadores. E ser pesquisador, aqui, obviamente, implica você ter um pé na academia. E eu acho que, para muitas gerações, a condição de ser pesquisador teve muito vinculada à vida acadêmica. Não é obrigatoriamente assim, mas continua sendo majoritariamente assim. Então, quando a gente pensa na Antropologia como um campo que é de docência, mas também certamente de pesquisa, eu acho que a gente continua fixando, pensando a formação de nossos alunos de forma que se conceda os instrumentos que permitam entender o conteúdo dessa disciplina antropológica – no sentido teórico e empírico – mas habilitando-os a vir a se tornarem pesquisadores.

Eu não sei se essa nossa disposição encontra uma boa receptividade na maioria. Eu não sei se esse tem que ser, de fato, o foco da graduação. Sobretudo quando se tem uma graduação que acolhe um número cada vez maior de pessoas, e mesmo que a gente tenha um crescimento da pós-graduação, que é muito considerável, sem dúvida, é claro que a pós-graduação não é para todo mundo. Ela não é uma coisa que tenha esse mesmo espectro de inclusão.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Na graduação entram 210 por ano, aqui.*

ANA CLAUDIA MARQUES: É massa. Eu entendo que quando 210 alunos entram numa graduação, mesmo que divididos em noturno e vespertino, você está formando cientista social em massa. E nós não somos professores em massa. Nós somos um recurso humano limitado, mas estamos formando em massa. Estamos formando em massa ainda seguindo critérios de quando não formávamos em massa. Eu acho que isso inquieta muitos de nós professores. Inquieta, inclusive, por você se dar conta que está trabalhando, investindo suas energias num projeto de que a gente não consegue dar conta. Porque a gente não consegue ver os resultados correspondente em todos os alunos. Claro que os alunos variam, em aproveitamento e interesse. Mas, em muitos casos, penosamente se tem a clara impressão de que não faz sentido você dedicar esforço, fazer que alunos enveredem por questões tão abstratas, tão complicadas, tão complexas. Afinal de contas, aquilo não parece ter muito valor para muitos dos alunos. Embora tenha para alguns. O que vocês acham disso? Agora vamos inverter, eu é que vou entrevistá-los [risos].

PRIMEIROS ESTUDOS (KARINA FASSON): *Acho que, pensando no que você falou, é bem assim mesmo. A gente tem uma formação que é bem intelectual, bem voltada para a academia. Mas, como você disse, não tem espaço para todo mundo.*

ANA CLAUDIA MARQUES: E nem é o desejo de todo mundo, e nem é para ser o desejo de todo mundo!

PRIMEIROS ESTUDOS (JULIO TALHARI): *O que a gente percebe é a crise na graduação em relação às expectativas das pessoas, do que vão fazer com isso. Porque se é a minoria que vai conseguir ir para a carreira acadêmica, qual é a área de atuação, sendo que é um curso que claramente não está voltado para formar esse pessoal para outra área? Mesmo que se possa usar boa parte do que se aprendeu aqui, não há esse objetivo.*

ANA CLAUDIA MARQUES: Não há.

PRIMEIROS ESTUDOS (JULIO TALHARI): *Então as pessoas ficam realmente... A gente percebe na gente, que está quase se formando, aflições nossas, mas também de colegas. Muitos já descartaram a carreira acadêmica, mas não sabem exatamente o que fazer.*

ANA CLAUDIA MARQUES: Entendi.

PRIMEIROS ESTUDOS (KARINA FASSON): *Ou mesmo o contrário, a pessoa acaba indo para a carreira acadêmica porque não vê outra opção.*

ANA CLAUDIA MARQUES: O que é o pior dos mundos! Porque eu acho que tem que ter mesmo um certo pendor pela vida acadêmica. Vida difícil! Por que você vai se meter nessa? A gente trabalha muito, muito, muito, e não ganha tanto assim...

PRIMEIROS ESTUDOS (KARINA FASSON): *Requer muito estudo, muito esforço, você se depara com certas situações... Às vezes, é muito solitária a vida acadêmica, você escrever... Eu acho um ato muito solitário. Você tem que estar disposto...*

ANA CLAUDIA MARQUES: ... A trabalhar de domingo a domingo. A USP é um emprego privilegiado, não tenha a menor dúvida. A gente não fica dando só aula. A gente oferece as aulas que queremos, os cursos com os conteúdos que desejamos, temos autonomia para produzir esse tipo de coisa. Esse é um incrível privilégio que nós temos. Mas, ao mesmo tempo, o nível de sacrifício que exige uma vida acadêmica é muito elevado, exige uma dedicação enorme. Não vejo por que todos os antropólogos têm que se dedicar a isso dessa maneira. Podem se dedicar com maior ou menor sacrifício, há outras coisas. Mas, de fato, eu não sei se a gente contempla essas outras alternativas. Eu não sei se elas são contempláveis pela nossa própria bagagem, pela nossa própria formação, que tende a ser, no caso de quase todo mundo aqui, muito balizada pela vida acadêmica mesmo. Não que não inclua militância de diversas maneiras. Sim, muitos têm participação, atuação em movimentos, nesse tipo de coisa. Mas, profissionalmente, talvez não.

PRIMEIROS ESTUDOS: *Para fechar. Para o aluno de graduação que tem esse interesse que a gente vê que o curso contempla, que é seguir a vida acadêmica. Quais são os primeiros passos para se inserir nessa carreira?*

ANA CLAUDIA MARQUES: Iniciação científica. Eu acho que esse é um momento em que a própria USP está preocupada com a graduação. Na pessoa do reitor, que explicita isso, mas enfim, em diversas instâncias aqui [também]. A graduação é uma questão, é uma preocupação, na FFLCH de uma maneira muito especial, em virtude daquele documento de avaliação externa, que aponta uma série de problemas na graduação, que tem a ver com uma ênfase muito maior na pós-graduação. Que é uma tendência um pouco inescapável pelo fato de nós sermos avaliados pelas pós-graduações. Então, tem todo um regime de pós-graduação e de graduação que são diferenciados e que tende a estimular muito o investimento na pós-graduação, por parte de cada um dos professores, em detrimento da graduação. E isso preocupa muito, vem preocupando muito. Um pouco porque isso ressoa bastante com a preocupação que todos nós temos.

A graduação vem mudando, vem se massificando, e a gente não sabe muito bem como lidar com isso. E aí, a USP está oferecendo uma série de bolsas, e que eu acho que elas devem ser aproveitadas. Imagina, vocês estão vivendo numa situação em que há certa profusão maior de recursos, mas vocês são colegas de milhares de outras pessoas. Então, a única coisa a fazer é se diferenciar no meio dessa massa, se individualizar. A maneira com que você faz isso é um pouco essa, se destacando, participando dessas oportunidades de pesquisa que aparecem por intermédio da iniciação científica, dessas bolsas de monitoria. E estudando, e levando a sério os cursos. Porque isso, os olhos dos professores são clínicos. A gente um pouco se nutre de vocês. Essa massa produz também salas de aula muito apáticas em que você fala, fala, fala, e vê olhos neutros, muitas vezes [olhando] atrás de você, ou do lado [risos]. Então, nesse sentido, é muito fácil, rápido, destacar aquela meia dúzia de alunos que estão envolvidos nas disciplinas. Não simplesmente naquele curso porque quer fazer a prova e tirar uma boa nota, mas porque tem envolvimento, tem afeto por aquilo que está sendo discutido, tem uma encanação, partilha de um interesse comum.

Eu acho que essa iniciativa da revista é genial, vocês estão perguntando como se faz para se seguir essa carreira... Cada vez mais a publicação é uma coisa exigida, é uma coisa pontuada. Na pós-graduação se torna ainda mais importante. E, é claro, para você escrever... Pode ser muito produtivista essa coisa toda, o que leva a se escrever qualquer coisa, e não deve ser assim, de fato. O legal é quando você realmente tem alguma coisa para escrever e escreve. E aí você tem tempo de escrever isso da maneira que quer. Mas, de qualquer maneira, eu espero que essa revista seja uma coisa que não confie simplesmente nessa lógica produtivista, mas que seja um meio de fazer um exercício de escrita que é uma coisa muito importante. Porque esse é um outro ponto: o domínio da escrita, que tem a ver com o resultado dos nossos trabalhos, é um ponto também de destaque, que acho que é importante também para você se preparar para o ingresso numa carreira acadêmica, para uma formação acadêmica mais aprofundada. Não que isso implique, necessariamente, entrar na carreira acadêmica.